

A REPRESENTATIVIDADE DA LITERATURA BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES NO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THE REPRESENTATION OF BRAZILIAN LITERATURE WRITTEN BY WOMEN IN THE COURSE OF LITERATURE AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARANÁ

Ariane Rodrigues de França Fortunato¹

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi entender qual a representatividade da literatura brasileira escrita por mulheres no Curso de Letras da Universidade Federal do Paraná, com os alunos formados pela Universidade, por meio de um questionário. Com base nos resultados foi possível observar que o conhecimento literário construído na graduação parece ser majoritariamente de escritores homens e brancos, com um número de nomes femininos extremamente limitado.

Palavras-chave: Literatura brasileira; mulheres; formação no Curso de Letras.

ABSTRACT: The objective of this research was to understand what is the representativity of Brazilian literature written by women in the Language Course of the Federal University of Paraná, with the students graduated by the University, through a questionnaire. Considering the results, it was possible to observe that the literary knowledge built in the graduation seems to be mostly of male and white writers, with a limited number of female names.

Keywords: Brazilian literature; women; education in the Language and Literature program.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu com minhas inquietações durante a graduação em Letras na Universidade Federal do Paraná (doravante UFPR), já no 7.º período, ao cursar uma disciplina optativa que explorava as obras da escritora Júlia Lopes de Almeida. Em meio

¹ Graduanda, UFPR.

aos estudos ao longo do semestre, percebi que Almeida foi uma das pouquíssimas autoras lidas – e a única de fato estudada com mais profundidade em uma disciplina optativa – durante minha graduação, em disciplinas de literatura. Partindo dessa inquietação, pude perceber que ao longo da história brasileira, as mulheres sofreram muitas negligências sociais, especialmente com relação à educação. Vários textos importantes que sustentam essa visão de exclusão sofrida pelas mulheres em meio à sociedade brasileira com relação à educação estão presentes na obra *História das Mulheres no Brasil* (2022), organizado por Mary Del Priore e Carla Beozzo Bassanezi, que embasam a discussão deste trabalho.

Tendo como ponto de partida as muitas desigualdades enfrentadas pelas mulheres na sociedade brasileira, como as condições de educação, violência e preconceito, busca-se compreender como a literatura de autoria feminina se apresenta na graduação de estudantes do Curso de Letras da UFPR. Especialmente com relação à licenciatura, considerando a representatividade dessa literatura na vida dos acadêmicos e futuros professores. Uma das perguntas norteadoras desta pesquisa é a seguinte: os estudantes de Letras da UFPR estudam as obras literárias escritas por mulheres tanto quanto estudam as obras literárias escritas por homens? Com base nessa pergunta-problema se desenvolve a metodologia deste artigo.

Para fins desta pesquisa, será utilizado o conceito de representatividade definido por Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), como uma forma de representação política e sociológica, isto é, funcionando como uma espécie de organismo, composto por microcosmos que reproduzem as características de determinado grupo político. Partindo dessa premissa, a visibilidade das mulheres na literatura brasileira é a temática principal deste trabalho, entendendo-as como um grupo político com baixa representação nos diversos setores da sociedade e, nesse caso, especialmente na literatura.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A LITERATURA ESCRITA POR MULHERES NO BRASIL – UM PANORAMA HISTÓRICO

Conforme explica a filósofa Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (2009), na segunda parte do livro, intitulada *História*, no início das civilizações humanas a mulher era utilizada pelo homem como instrumento de reprodução da espécie, depois, no início da instalação de uma sociedade capitalista, passa a não ter direito à propriedade privada e, mais tarde, passa a ser condicionada a uma espécie de escravidão do lar e da família, especialmente após a ascensão da ideologia burguesa. Assim como nas sociedades europeias, no Brasil a educação feminina, que surgiu a partir do século XIX, seguia os moldes da sociedade burguesa, que reconhecendo a mulher como mãe e esposa, desobrigada de qualquer trabalho que não tivesse relação com a maternidade e o casamento (D`Incao, 2022).

As famílias brasileiras mais abastadas seguiam, de fato, esses moldes burgueses de organização social, entretanto, essa não era a realidade de boa parte das mulheres no país, que vinham do que Rachel Soihet (2022) chamou de “camadas populares” dessa sociedade brasileira. Elas, muitas vezes, não estavam inseridas em uma família na qual poderiam apenas se dedicar ao marido e aos filhos, como explica a autora: “A organização familiar dos populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as famílias chefiadas por mulheres sós.” (Soihet, 2022, p 362).

Muitas delas que faziam parte das camadas sociais mais populares do país acabavam se inserindo em uma vida de trabalho árduo, não representando a estrutura ideal de família burguesa. O trabalho desenvolvido por essas mulheres consistia em diversas atividades desvalorizadas pela sociedade brasileira:

Aí exerciam os desvalorizados trabalhos domésticos, fundamentais na reposição diária da força de trabalho de seus companheiros e filhos; como ainda produziam para o mercado, exercendo tarefas como lavadeiras, engomadeiras, doceiras,

bordadeiras, floristas, cartomantes e os possíveis biscates que surgissem. (Soihet, 2022, p. 365).

As limitações enfrentadas pelas mulheres, tanto por aquelas de famílias mais abastadas, quanto às mulheres pobres, que precisavam realizar trabalhos pesados e desvalorizados pela sociedade, contribuíram para o afastamento dessas mulheres do mundo literário, tanto como leitoras quanto como escritoras (Muzart, 1995).

Em *A questão do cânone* (1995), Muzart explicita as limitações enfrentadas pelas mulheres no mundo literário, dando um exemplo a respeito da escrita da poesia parnasiana, que tinha várias exigências formais, citando a escritora parnasiana Francisca Júlia:

Elas não tinham acesso às boas escolas, as suas leituras eram orientadas para o ideal mulher “do lar”, não tinham liberdade de movimentos, de viagens. E, sobretudo, não tinham a liberdade de discutir suas idéias. Como ser poeta e parnasiana, em tais condições? E algumas o foram e se salientaram como Francisca Júlia. (Muzart, 1995, p. 88, grifos da autora.)

Os estudos da professora Constância Lima Duarte (2003) na área de feminismo e literatura no Brasil mostram que a inserção das mulheres no mercado editorial como escritoras – e até mesmo como leitoras – está ligada a uma série de condições. Especialmente educacionais, algo inexistente para as mulheres brasileiras até o século XIX, portanto, antes desse período são raros os registros de escrita feita por mulheres em terras brasileiras.

Duarte (2003) também faz um mapeamento da primeira legislação nacional que autorizou a abertura de escolas públicas femininas, no ano de 1827. A partir desse momento, a educação formal das mulheres passou a existir, de fato, no país. De acordo com a pesquisadora, antes desse período existiam apenas instituições que eram ou se assemelhavam a conventos, buscando reafirmar a visão burguesa sobre o papel da

mulher, que precisava aprender boas maneiras para o casamento ou para servir à religião.

Em um dos capítulos da obra *História das Mulheres no Brasil* – intitulado *Escritoras, escritas e escrituras* – cuja autoria é da historiadora e professora Norma Telles, há um levantamento das primeiras obras escritas por mulheres no Brasil. A professora cita uma interessante declaração da escritora Lygia Fagundes Telles, a respeito dos primeiros registros de escritos de autoria feminina no país:

Ficavam sim com o caderno do dia a dia, onde, em meio a receitas e gastos domésticos, ousavam escrever uma lembrança ou ideia. Cadernos que Lygia vê como um marco das primeiras arremetidas da mulher brasileira na carreira de letras, ofício de homem. (Telles, 2022, p. 409).

Ainda nesse capítulo do livro, Telles (2022) traz uma série de declarações de mulheres escritoras, que escreveram a partir do século XIX, entre elas Júlia Lopes de Almeida e Lygia Fagundes Telles. Abordando uma crítica a visão social – especialmente da sociedade brasileira – de que as mulheres não deveriam escrever e, se escrevessem, que fosse sobre assuntos considerados próprios para esse público, como moda, casa e maternidade. Telles também traz em seus estudos, a percepção de que a mulher sempre lutou pelo seu direito de escrever, algo desde o início da história da literatura brasileira, um direito intrínseco aos homens. Alguns nomes que contribuíram para essa luta, além de Júlia Lopes de Almeida e Lygia Fagundes Telles, foram Nísia Floresta, Cora Coralina, Hilda Hilst e Maria Firmina dos Reis.

Telles também apresenta em *Escritoras, escritas e escrituras* o que seria um dos – se não o próprio – primeiros romances brasileiros de autoria feminina:

O romance, por mais inocente que fosse, era ainda um gênero literário malvisto, pernicioso para as moças, quando, em 1859, os jornais de São Luís anunciavam *Úrsula*, de autoria de uma maranhense, ao custo de dois mil réis pela Tipographia do Progresso. Logo se soube que o livro, hoje considerado o primeiro romance de uma autora brasileira, era de Maria Firmina dos Reis. (Telles, 2022, p. 410)

A partir da publicação desse primeiro romance, as mulheres foram ganhando maior visibilidade na literatura brasileira, passando a fundar os próprios jornais. Entretanto, a visão sexista de que a mulher deveria escrever para outra mulher, sobre assuntos designados a elas, perdurou – e parece perdurar – na sociedade brasileira por muito mais tempo. Ainda seria necessária muita luta para que a mulher pudesse escrever livremente, como a voz de Júlia Lopes de Almeida protesta na primeira metade do século XX:

Em consciência, não há homens nem mulheres: há seres com iguais direitos naturais, mesmas fraquezas e iguais responsabilidades. Mas não há meio dos homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós. (Almeida, 1922, p. 137).

Essas “malhas de dois tamanhos” citadas por Júlia Lopes de Almeida, parecem ainda mais visíveis quando se entende, pelos relatos e levantamentos históricos, que para a mulher escrever o que ela, de fato, gostaria de escrever, em muitos casos havia necessidade de assumir pseudônimos para garantia de maior aceitação dos textos. Como exemplo, é possível observar o que Maria Firmina dos Reis faz em *Úrsula*, ao adotar o pseudônimo “Uma Maranhense”. No prólogo da obra, a autora caracteriza seu livro como “humilde” e “mesquinho”, afirmando que sabe que o romance vale pouco, por ter sido escrito por uma mulher:

(...) porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (Reis, 2018, p. 11).

Essa declaração da autora reforça a visão desigual dos papéis sociais de homens e mulheres na sociedade brasileira. Especialmente com relação à literatura, onde os homens são detentores de uma boa conversação e às mulheres resta uma educação

acanhada, uma instrução “misérrima” e, nas palavras da autora, um intelectual quase nulo. O fato dessa figura representativa da mulher no Brasil – que é do lar, mãe, repleta de sensibilidade e beleza – acaba também sendo incorporada à própria visão feminina sobre sua existência, expondo inseguranças e medos sobre suas próprias potencialidades.

Apesar das inúmeras dificuldades e negligências sociais enfrentadas pelas mulheres brasileiras no campo da literatura por muitos anos, várias autoras têm conquistado espaço nesse campo até então majoritariamente masculino, entrando em listas literárias obrigatórias de famosos vestibulares. Isso pode ser visto na prova da Unicamp em 2023, com a obra *O seminário dos ratos*, de Lygia Fagundes Telles e *Niketche – uma História de Poligamia*, de Paulina Chiziane. Já a obra *A Falência*, de Júlia Lopes de Almeida, está na lista da Unicamp e da UFPR para o vestibular 2023. Na lista da universidade paranaense também constam as obras *O livro das semelhanças*, de Ana Martins Marques, e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Entre oito obras literárias obrigatórias para o vestibular 2022/2023 da UFPR, três são escritas por mulheres (Núcleo de Concursos UFPR, 2023), número bastante diferente da lista de 2013, que contava com 10 obras literárias, das quais apenas uma era escrita por mulher – *A última quimera*, de Ana Miranda. (Núcleo de Concursos UFPR, 2013).

Além das listas de vestibulares, outro nicho em que as mulheres brasileiras também têm ganhado visibilidade e espaço de representação é na Academia Brasileira de Letras (doravante ABL), símbolo de figuras de referência literária no país. Em um artigo publicado por Fanini (2009), a autora afirma que uma das primeiras mulheres, a filóloga Carolina Michaëlis, indicada ao cargo em 1911, foi barrada, sendo uma das justificativas o traje utilizado pelos membros da Academia não seria apropriado para uma mulher. Antes disso, Júlia Lopes de Almeida também havia sido barrada pela instituição, com a prerrogativa de que sua aceitação “sugeriria acolher na agremiação uma mulher” (Fanini, 2009, p. 325), fato inesperado e indesejável, devido às ideias de

teorias e discursos que procuravam justificar outro papel às mulheres, voltados à maternidade e ao casamento, distante das letras e da literatura.

A primeira mulher que ocupou o lugar na Academia foi a escritora Rachel de Queiroz, em 1977 e, a partir disso, outras mulheres passaram a ocupar as cadeiras da instituição, segundo dados da Prefeitura Municipal de São Paulo (2012). A participação na ABL contribuiu também para a consagração das obras dos seus membros como parte do cânone literário do país e as mulheres demoraram cerca de oito décadas para começarem a conquistar espaço nesse lugar de prestígio. A partir da entrada de Raquel de Queiroz, nomes como o de Nélida Piñon, Ana Maria Machado, Lygia Fagundes Telles, Ruth Rocha, entre outras mulheres importantes, já conquistaram seu espaço na ABL.

Entretanto, os nomes de mulheres citados acima pertencem a personalidades literárias brancas, e essa visibilidade parece ser restrita a esse grupo, deixando de lado escritoras indígenas e negras, que compõem parte importante da sociedade brasileira.

2.2 O ESTUDO DA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES NO BRASIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Levando em conta as considerações da professora de literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, Zahidé Lupinacci Muzart, que faz um estudo sobre os cânones nacionais, afirmando que a Universidade brasileira é “mestra em perpetuar a mesmice: estudando sempre os mesmos escritores nos mesmos programas” (Muzart, 1995, p. 85-86).

Partindo dessa ideia, a autora ainda ressalta que é raro quando os estudos da Universidade chegam na literatura da contemporaneidade e, quando chegam, se restringem apenas a nomes como Guimarães Rosa e Clarice Lispector. A estudiosa ainda afirma que “de vez em quando, alguns nomes novos são elevados à ‘dignidade’ dos

currículos, são contemplados até nas provas dos vestibulares, são canonizados” (Muzart, 1995, p. 86). (grifos da autora)

Com relação à escrita feminina, Muzart (1995) afirma que algumas escritoras são canonizadas e outras acabam sendo esquecidas, somente sendo resgatadas por estudiosas do século XXI. Muzart ainda define o cânone:

O estudo do cânone está ligado, pois, a várias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros. Aquilo que é canonizado em certas épocas, é esquecido noutras; o que foi esquecido numa, é resgatado em outra. (Muzart, 1995, p. 86).

De acordo com a professora Muzart, os cânones são mutáveis, conforme ideias dominantes em determinada época, passando a constar em listas de vestibulares e nos estudos da Educação Básica. Essa literatura, especialmente a que perpetua a ideia dos cânones, faz parte dos currículos educacionais da Educação Básica brasileira e também da formação de professores no Curso de Letras, a fim de formar profissionais que ensinem essa literatura brasileira nas escolas.

A disciplina escolhida para aplicação do questionário (cf. Apêndice A), *Literatura e Leitura na Escola*, é voltada especialmente aos alunos de licenciatura dos últimos períodos do curso (entretanto, como não tem pré-requisito, pode ser cursada por alunos de qualquer período do curso, mas especialmente os veteranos). Seu objetivo geral consiste em: “Refletir criticamente sobre o ensino de literatura na escola e suas alternativas.” (Departamento de Literatura e Linguística, 2023). Partindo do objetivo da disciplina, é importante ressaltar o papel da literatura na formação dos alunos que estão saindo da graduação para tornar-se professores e entender o quanto de literatura escrita por mulheres esses alunos conhecem, já que se não conhecem, há pouca chance de fazer com que seus futuros alunos também conheçam na Educação Básica ou na própria Educação Superior, futuramente.

3. METODOLOGIA

Partindo da ideia de Ramos (2013), a pesquisa quantitativa possui três características básicas para análise de problemas da realidade social. Entre elas, encontram-se: descrever ou comparar características de grupos sociais específicos; estabelecer relações causais; inferir resultados para uma população a partir de uma amostra. Partindo dessa premissa, foi desenvolvido neste trabalho uma pesquisa quantitativa, com um questionário aplicado presencialmente aos 20 alunos de Letras da UFPR, com idades entre 20 e 50 anos, na data de 19/05/2023, na disciplina de *Literatura e Leitura na Escola*.

O questionário foi elaborado com 20 questões, sendo algumas objetivas e outras dissertativas. É importante mencionar que, apesar de ser uma disciplina com periodização determinada para o fim do curso, a disciplina não conta com pré-requisitos, portanto, é possível que tenham alunos de outros períodos matriculados. O tempo de aplicação do questionário foi de aproximadamente 35 minutos, das 19h50 às 20h25. Estes alunos, serão identificados na pesquisa como da Turma A.

Posteriormente será realizada uma análise dos resultados obtidos, com base nas perguntas de pesquisa pensadas previamente. Também é importante ressaltar que os nomes de autores e autoras de literatura brasileira que aparecem listados em uma questão (a Questão 7) foram escolhidos tendo em vista o fato da pesquisadora deste artigo – que é estudante de Letras da UFPR – se lembrar de conhecer obras desses escritores e escritoras de literatura brasileira com mais profundidade na Universidade. O endereço eletrônico do questionário elaborado pela pesquisadora está disponível nas referências deste artigo.

4. RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa serão apresentados com os dados referentes à Turma A, simbolizando o grupo de alunos da disciplina de *Literatura e Leitura na Escola*.

4.1 RESULTADOS TURMA A

Entende-se por Turma A o grupo de estudantes veteranos do Curso de Letras da UFPR, da disciplina de *Literatura e Leitura na Escola*. A organização destes resultados procura responder a quatro questionamentos específicos, que são os seguintes:

- 1 – As experiências de leitura e incentivos na infância, contribuem para os atuais hábitos de leitura dos estudantes?
- 2 – Os alunos que estão no fim da graduação em Letras estudaram escritoras mulheres na Universidade tanto quanto estudaram escritores homens?
- 3 – Qual é a visão dos estudantes sobre os estudos da literatura brasileira escrita por mulheres na UFPR?
- 4 – Quais autores e autoras os estudantes, como futuros professores, pensam em levar para a sala de aula, para seus alunos, futuramente?

4.1.1 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E A MANUTENÇÃO OU NÃO DO HÁBITO DE LEITURA

Algumas das perguntas deste questionário consistiam em descobrir se os estudantes veteranos do Curso de Letras foram incentivados a ler quando criança. Em contraste com esse dado, se a formação no Curso de Letras incentivou ou não a manutenção do hábito de leitura nesses estudantes. Dos 20 alunos entrevistados, 16 afirmaram terem recebido incentivo para ler quando eram crianças, e apenas quatro afirmaram que não tiveram incentivo. Os estudantes que confirmaram o estímulo a leitura liam contos, fantasia, histórias policiais, quadrinhos, tirinhas, série Vagalume,

gibis, folclore, contos de fadas, fábulas, sagas, a obra *Pequeno Príncipe*, Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Vinicius de Moraes, entre outros.

Com base nesse dado é possível entender este público como um público leitor, a partir disso, os estudantes também foram questionados sobre o Curso de Letras ter sido incentivador com relação ao hábito de leitura, tendo em vista o fato de o curso ter uma grande carga de textos a serem lidos. Dos 20 estudantes, 15 afirmam que o Curso de Letras foi incentivador com relação ao hábito de leitura, sendo que boa parte das respostas ressaltam que o curso ajudou a ler literatura de uma maneira nova, com mais profundidade e maior reflexão sobre os textos estudados.

Um(a) dos(as) estudantes, chamado(a) nesta pesquisa como Estudante A, que havia noticiado que não recebeu incentivos para ler quando era criança, afirmou que o Curso de Letras lhe trouxe essa formação leitora depois de adulto(a), e hoje tem a literatura como seu objeto de estudo no mestrado, já que possui uma graduação anterior em Gestão Pública.

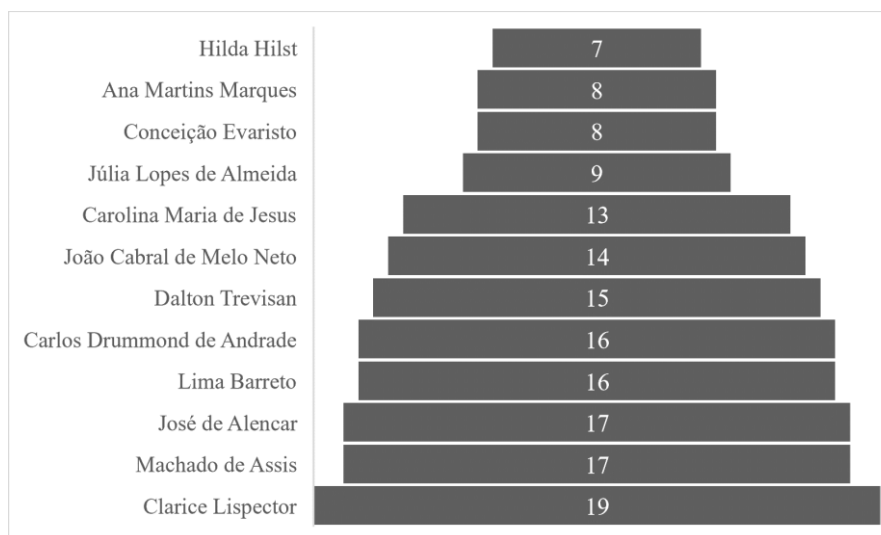
Segundo Rildo Cosson (2009), a leitura de ficção é um processo formativo tanto da linguagem quanto do leitor e escritor. E sugerimos ainda mais, como no caso do(a) Estudante A, a leitura de ficção é um processo formativo do pesquisador também, que acaba entrando em contato com a literatura a ponto de transformá-la em objeto de estudo na graduação e pós-graduação.

4.1.2 COMPARATIVO ENTRE ESTUDOS DE ESCRITORES HOMENS E ESCRITORAS MULHERES NA GRADUAÇÃO

Uma das importantes questões presentes no questionário era a Questão 7, que consistia em uma lista de escritores e escritoras cujos nomes deveriam ser assinalados se os estudantes tivessem estudado esses autores e autoras na Universidade. Os nomes selecionados pela pesquisadora foram: João Cabral de Melo Neto, Carolina Maria de

Jesus, Carlos Drummond de Andrade, Ana Martins Marques, Lima Barreto, Júlia Lopes de Almeida, José de Alencar, Conceição Evaristo, Machado de Assis, Clarice Lispector, Dalton Trevisan e Hilda Hilst. Os resultados seguem no Gráfico 1.

GRÁFICO 1 – ESCRITORES E ESCRITORAS QUE OS ALUNOS ESTUDARAM NA UNIVERSIDADE



FONTE: A autora (2023)

O Gráfico 1 consiste em mostrar os dados sobre quais autores e autoras os estudantes estudaram na UFPR, e os números ao lado dos nomes consistem na quantidade de vezes que esses autores e autoras foram citados pelos estudantes. Hilda Hilst aparece como a menos estudada, apenas por sete estudantes. Já Ana Martins Marques e Conceição Evaristo aparecem, ambas, com oito citações. Júlia Lopes de Almeida aparece citada por nove estudantes e Carolina Maria de Jesus por 13 estudantes. Depois aparecem João Cabral de Melo Neto, com 14 citações, Dalton Trevisan com 15 citações, Carlos Drummond de Andrade e Lima Barreto aparecem, ambos, com 16 citações. José de Alencar e Machado de Assis aparecem com 17 citações. E como a escritora mais estudada pelos alunos de Letras na UFPR, aparece Clarice Lispector, com 19 citações.

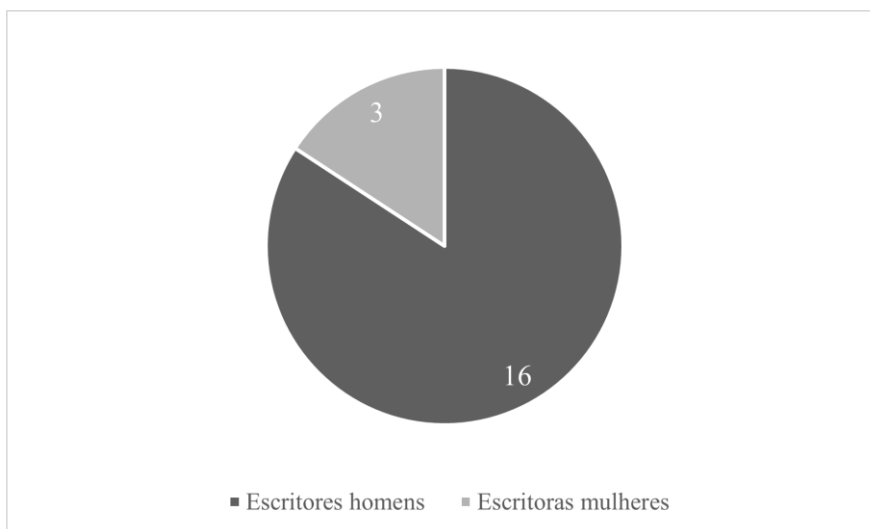
Um dado interessante observado no questionário é o de que os cinco primeiros nomes são de mulheres escritoras, portanto, em comparação aos escritores homens, as

mulheres parecem ser, de fato, menos estudadas nas disciplinas de literatura da UFPR. A única exceção apresentada é o nome de Clarice Lispector, inclusive se sobressaindo aos nomes masculinos como a única escritora citada por 19 estudantes.

Outra discussão importante com relação aos estudos de escritores e escritoras na Universidade é sobre as pesquisas científicas em literatura desenvolvidas pelos estudantes da graduação. Dos 20 entrevistados, 5 estudantes afirmaram que fizeram algum tipo de pesquisa científica, e quando questionados sobre quais autores ou autoras, responderam os seguintes nomes: Haruki Murakami, Yukio Mishima, Francisco Brito de Lacerda, Fabián Severo, Dalton Trevisan, Luís de Camões, Virgílio, Stephen King e Hilda Hilst. O único nome feminino citado por um estudante foi o de Hilda Hilst, demonstrando a escassa exploração dos nomes femininos em pesquisas científicas na UFPR, considerando o número de pesquisas feitas sobre nomes masculinos da literatura.

Outro dado relevante é referente às disciplinas optativas de literatura, que não constam na grade curricular como obrigatórias, portanto, o estudante tem certa flexibilidade em escolher a disciplina com base em seus interesses pessoais. Uma das questões do questionário consistia em descobrir se os estudantes fizeram alguma disciplina optativa que estudasse algum autor ou alguma autora especificamente, conforme Gráfico 2.

GRÁFICO 2 – DISCIPLINAS OPTATIVAS ESPECÍFICAS DE ESCRITORES E ESCRITORAS



FONTE: A autora (2023)

No Gráfico 2 consta a quantidade de nomes de escritores e escritoras citados pelos estudantes que afirmaram terem cursado disciplinas optativas específicas sobre autores e autoras. Em cor preta consta a quantidade de 16 nomes de homens escritores citados pelos estudantes e na cor cinza consta a quantidade de nomes de mulheres escritoras citadas, que foram 3. Por mais que 6 estudantes tenham citado que fizeram uma disciplina optativa sobre Júlia Lopes de Almeida, 2 estudantes sobre Clarice Lispector e um estudante sobre Ana Martins Marques, os nomes femininos se resumem a 3. Já a quantidade de nomes masculinos é muito superior, sendo 16 contabilizados no questionário: Guimarães Rosa, Machado de Assis, Dalton Trevisan, Monteiro Lobato, Lima Barreto, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Luís de Camões, Virgílio, Ovídio, Teócrito, Lucrécio, Catulo, Shakespeare, J.R.R. Tolkien e Franz Kafka.

A quantidade de nomes femininos é muito inferior à quantidade de nomes masculinos, mostrando, novamente, que os estudos da UFPR parecem ser mais aprofundados e diversificados sobre a literatura escrita por homens, e quando as mulheres escritoras são estudadas, trata-se de um número muito limitado. Isso pode ser explicado pelo fato dos próprios professores não terem tanto conhecimento dessa literatura escrita por mulheres quanto tem da literatura escrita por homens, portanto,

acabam reproduzindo os cânones (masculinos), conforme a professora Muzart (1995) afirma ocorrer nas universidades brasileiras, de um modo geral.

4.1.3 AUSÊNCIA DOS ESTUDOS DA LITERATURA BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES NA VISÃO DOS ESTUDANTES

Outra questão do questionário, a questão 11, consistia em descobrir se os estudantes acreditavam ter estudado igualmente escritores e escritoras, especialmente a partir do período literário depois do século XIX. Dos 20 entrevistados, 15 estudantes afirmaram não terem estudado igualmente, acreditando que estudaram mais escritores homens. Uma das respostas dadas por um(a) dos(as) estudantes, que será entendido(a) nesta pesquisa como Estudante B, foi considerada bastante interessante:

Na história da literatura brasileira são poucas as romancistas que receberam o devido destaque e reconhecimento. As últimas décadas propiciaram um verdadeiro “boom” do estudo de mulheres na literatura. A própria Maria Firmina dos Reis, há pouco tempo, passou a ser conhecida do grande público. (ESTUDANTE B) (grifos do autor).

O(a) Estudante B retoma as mesmas discussões da professora Zahidé Lupinacci Muzart, em *A questão do cânone* (1995), afirmando que nas últimas décadas algumas escritoras vêm sendo reconhecidas e estudadas nas universidades, passando a fazer parte do cânone literário nacional, como é o caso de Maria Firmina dos Reis.

3 estudantes afirmaram que estudaram igualmente homens e mulheres e 2 estudantes não responderam essa questão. Um dado relevante é o de que esses 3 alunos que afirmam ter estudado igualmente homens e mulheres são estudantes homens, portanto, é possível supor que a questão de gênero pode também ser levada em consideração nessas respostas, já que todas as mulheres – com exceção da que não respondeu – acreditam ter estudado mais escritores homens.

Quando questionados sobre o fato de terem deixado de estudar alguma escritora importante para a literatura brasileira na Universidade, 3 estudantes deixaram de responder e 4 afirmaram que acreditam não ter deixado de estudar nenhuma escritora importante para a literatura brasileira na universidade. Dos 20 alunos, 13 responderam que acreditam terem deixado de estudar escritoras importantes, os nomes citados foram: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Ana Martins Marques, Maria Firmina dos Reis, Júlia Lopes de Almeida, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Cecília Meireles. A maioria dos estudantes afirma ter deixado de estudar nomes femininos importantes da literatura brasileira, representando, em certa medida, uma visão mais geral dos estudantes do Curso de Letras da UFPR.

4.1.4 ESCRITORES E ESCRITORAS QUE OS ESTUDANTES PENSAM EM TRABALHAR COM SEUS ALUNOS NA SALA DE AULA, COMO FUTUROS PROFESSORES FORMADOS

Uma das questões do questionário também buscava entender quais escritores e/ou escritoras os estudantes levariam para sala de aula, tendo em vista que a disciplina era para alunos de licenciatura em Letras, portanto, de futuros professores. Essa questão foi pensada considerando as ideias de Muzart (1995) sobre o ensino dos cânones na Universidade, que acaba se refletindo também na Educação Básica, buscando averiguar se esses estudantes entrevistados continuam aprendendo e reproduzindo apenas os cânones ensinados por muitos anos na universidade brasileira, que é composto majoritariamente por obras de escritores homens.

Dos 20 estudantes questionados, dois estudantes deixaram de responder essa questão e 18 citaram quais escritores levariam para a sala de aula. Nomes bastante variados apareceram: Carlos Heitor Cony, Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Shakespeare, Guimarães Rosa, Murakami, Hilda Hilst, Ana Martins Marques, Rachel de Queiroz, Machado de Assis, Júlia Lopes de Almeida, José

de Alencar, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade. Esses escritores e escritoras aparecem em igualdade nas respostas, de modo a observar que esses estudantes, apesar de estudarem majoritariamente escritores homens na universidade, não deixam de estudar mulheres escritoras e de valorizar suas obras a ponto de levá-las para a sala de aula, como professores de literatura. Uma das mais interessantes respostas observadas nesta questão, era a última do questionário, parece dar um ótimo fechamento para esses resultados. Quando questionado(a) sobre quais autores ou autoras levaria para a sala de aula, o(a) estudante, reconhecido(a) como Estudante C, respondeu: “Rachel de Queiroz, Machado de Assis, Carolina Maria de Jesus e Guimarães Rosa, todos que me marcaram recentemente e que tenho vontade de levar mediações aos alunos, para que eles possam ler como eu li, com o mesmo prazer” (ESTUDANTE C).

A literatura é, segundo Cândido (2011), uma necessidade universal, já que o ser humano não é capaz de passar o dia sem “mergulhar” em ficção e poesia, portanto, pode ser considerada como um direito humano. Partindo dessa ideia, o(a) Estudante C defende o papel do professor como um profissional que ensina essa literatura de maneira prazerosa aos estudantes, de modo com que tenham acesso e gosto por esse direito tão imprescindível para a formação humana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados e nas discussões desta pesquisa percebeu-se a árdua trajetória feminina para ingressar no mundo literário brasileiro, pois somente a partir do século XIX as mulheres passaram a ocupar um espaço de atenção no âmbito literário nacional, até então um lugar composto de muitos homens. Com todos esses anos de apagamento dessa escrita feminina, até os dias atuais percebe-se uma discrepância nos estudos da literatura brasileira escrita por mulheres e, além disso, quando é estudada na Universidade, parece ser restrita às mulheres brancas.

Considerando esse aspecto dos estudos literários na universidade, durante a pesquisa foi possível perceber que a literatura brasileira escrita por mulheres indígenas, por exemplo, é um campo desconhecido para a maioria dos estudantes do Curso de Letras. Com relação às escritoras brasileiras negras, os estudantes parecem conhecer um número bastante limitado, que se resume a três ou quatro nomes. Com isso, é possível perceber que os estudos sobre literatura na UFPR não parecem aprofundar esses dois lados importantes e representativos da literatura brasileira.

Ademais, a pesquisa mostrou como os estudos literários da UFPR se concentram em nomes de escritores homens. Entretanto, ao que parece representar, como uma exceção nesse dado, o nome de Clarice Lispector, aparecendo como única mulher entre os nomes mais estudados e conhecidos pelos entrevistados. Também foi possível perceber que boa parte dos estudantes tem interesse em conhecer mais sobre a literatura escrita por mulheres, pois em boa parte dos questionários os estudantes afirmam ter conhecido, mas não aprofundado estudos sobre notáveis escritoras brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Eles e elas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário. Teoria e prática*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DEL PRIORE, M. (org.) & BASSANEZI, C. (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto. São Paulo: 2022.

DEPARTAMENTO DE LITERATURA E LINGUÍSTICA (UFPR). *Ementário DELLIN*. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1ynJCMVIWBilh5Z905GehOI5Q8MexDguX/view>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

D'INCAO, M. A. *Mulher e família burguesa*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2022.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. 2004. *Estudos avançados*, vol. 17, n. 49, 2003, p. 151-172. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt>. Acesso em: 02 abr. 2023.

FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1941>. Acesso em: 25 mai. 2023.

MUZART, L. *A questão do cânone*. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 85-93, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>. Acesso em: 11 mai. 2023.

NÚCLEO DE CONCURSOS (UFPR). *Lista das obras literárias indicadas para as questões de literatura*. Disponível em: https://www.nc.ufpr.br/concursos_institucionais/ufpr/ps2014/index.htm. Acesso em: 03 abr. 2023.

NÚCLEO DE CONCURSOS (UFPR). *Relação de obras literárias e referências bibliográficas para as disciplinas de Sociologia, Filosofia e Música*. Disponível em: <https://servicos.nc.ufpr.br/PortalNC/PublicacaoDocumento?pub=4144>. Acesso em: 03 abr. 2023.

RAMOS, M. P. Métodos quantitativos e pesquisa em ciências sociais: lógica e utilidade do uso da quantificação nas explicações dos fenômenos sociais. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*. Londrina, PR. v. 18, n. 1, p. 55-65, jun. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/132102>. Acesso em: 03 abr. 2023.

SÃO PAULO (Prefeitura). Secretaria de Cultura. *As mulheres na Academia Brasileira de Letras*. Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/noticias/?p=10201>. Acesso em: 01 abr. 2023.

SOIHET, R. *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*. In: DEL PRIORE, M. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2022.

TELLES, N. *Escritoras, escritas e escrituras*. In: DEL PRIORE, M. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2022.

UNICAMP. *Unicamp anuncia que vai manter a lista de obras de leitura obrigatória para o Vestibular 2023*. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/noticias/2021/06/17/unicamp-anuncia-que-vai-manter-lista-de-obras-de-leitura-obrigatoria-para-o>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Recebido em: 24/06/2023.

Aceito em: 16/08/2023.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

O Questionário referente à turma A está disponível em:

<<https://docs.google.com/document/d/1LKkxep3T72fYFC5ABVL2ZaGiEYkI9whHCiIPLMVhHtY/edit?usp=sharing>>